

ROCHA PEIXOTO

# **OBRAS**

VOLUME II

MUSEU MUNICIPAL DO PORTO. ENSINO.  
POLÍTICA. ENSAIOS DIVERSOS. ECONOMIA.

Edição da CÂMARA MUNICIPAL DA PÓVOA DE VARZIM  
1972

## D. PEDRO OU D. HENRIQUE?

### I (\*)

Sugerida por João Afonso aos três infantes a expedição a Ceuta, aceita, realizada e bem sucedida a aventura, com ela desabrochou, parece, no espírito de D. Henrique, a tendência que mais tarde o assinalou como promotor da nossa epopeia marítima, a um tempo assombro do mundo e ruína da pátria. Será perpétuamente na história da humanidade um dos seus altos factos todo o episódio heróico da nossa navegação em demanda da terra ignorada e para o mundo, o Infante hoje celebrado, um dos vultos de mais autêntica proeminência. Saiu-nos cara, a glória? Decerto. Mas, caramba, fomos muito civilizados!

À iniciativa de D. Henrique, promovida pela curiosidade e pela fé cristã—anseio de novo, dilatação da sua crença—não foi alheio o desejo de fazer derivar para a sua pátria o comércio da Índia que realizavam por Ceuta as caravanas mouras; mas estas encaminharam a outro porto, e, pelo mar desconhecido, é que se dirigia então a perseverante e incontida ânsia do descobrimento. Para desafiar a vã cobiça era deveras o pouco que se sabia e o que se imaginava de essas terras envoltas de lenda e opulentas no esplendor dos seus produtos. Primeiro a pimenta, por muito tempo monopólio dos mercadores italianos, especiaria custosa e rara, cujo comércio mais tarde foi efectivamente exclusivo de coroa portuguesa, centenas de navios carregando-a em Coullão e Cananor, Cochim e Calicut. Depois o cravo, ainda vendido só por venetas e genoveses e ao diante encontrado por nós no Malabar, em Ceilão e em Malaca. A canela, em seguida, que pelo Mediterrâneo chegava à Europa e veio constituir também uma mercadoria valiosa e quase nossa, como a noz moscada, a cânfora que os califas conservavam nos seus tesouros, e benjoim, essa resina de tão subido preço que antigos monarcas do Egipto o incluíam nos seus presentes lendários à rainha de Chipre e aos doges de Veneza. A mirra da Arábia, citada já nos livros mosaicos, e o incenso, com que os fenícios tanto haviam nego-

---

(\*) Artigo publicado no jornal *O Primeiro de Janeiro*, do Porto, em 3 de Março de 1894 (p. 1).

ciado, o aloés e o sândalo, as baetas de Chaul e os brocados da Pérsia, as sedas da China e os panos de Bengala, o âmbar das Maldivas e os rubis de Pegú, o marfim e o ébano, o ouro e as pérolas, até os cavalos da Arábia, tudo isto que um tanto se conhecia ou de que chegavam pormenores e que realmente se possuiu um dia, despertava naturalmente uma curiosidade intensa e com ela — porque o desprendimento dos heróis é uma farsa — a vertigem da riqueza e do domínio.

O infante iniciou, enfim, a empresa com marinheiros de mais audácia que os fenícios e os jónios, mais destemidos que os de Veneza e Génova; o caso da segunda viagem de Gil Eanes é típico e faria por si só adivinhar a dureza do príncipe se por muito mais não se lhe conhecesse a seca índole rude e a inabalável firmeza no intento. Mas só assim, sacrificado num heroicíssimo infortúnio o Infante santo, morto o rei pela dor depois do monumental desastre de Tânger, abandonado D. Pedro à intriga rematada por um assassinato, e o mais e tudo que se viu, é que o nome de Portugal pode ecoar no mundo com a sua grande auréola de glória, tão grande como a enorme miséria em que se finda.

Os cem anos de descobertas encetadas pelo infante traduzem-se, no progresso do saber e, derivadamente, nos recursos adquiridos, por serviços e benefícios até então inegalados. Quase que quadruplicou a superfície conhecida da terra; a bússola, descoberta já no século XII, foi só empregada e primeiro, pelos mareantes portugueses; a cartografia, a astronomia e a náutica tiveram tal impulso que ou vinham de fora aprender, servindo nas frotas, ou se correspondiam connosco os eruditos do tempo, Fracastor e Anghiera, Ramusio e Toscanelli; a zoologia, a botânica, até aí estudadas só pelos monges na obra grega, desenvolveram-se amplamente com a observação e narrações dos nossos viajantes; Duarte Pacheco, Damião de Góis, Garcia de Orta, Pedro Nunes, Godinho de Herédia, ficaram sábios eminentes do seu tempo; descrevemos à Europa, primeiro que nenhum outro povo, novas línguas, novas raças e novas religiões.

Do mesmo passo o infante iniciou a escravatura, que depois soubemos fazer como ninguém; e até nas companhias de pesca do Algarve, onde também aquinhoara, um ilustre publicista vê o embrião dos sindicatos deste século.

O génio desse grande príncipe, com todas as qualidades dos dominantes no mundo, deu-nos, pois, mais tarde, a conquista fugaz de reinos, fez tributários de nós inúmeros monarcas e na Europa, por muitos anos, só os portugueses tiveram o comércio dos valiosos produtos de tão vasto senhorio. O empório famoso e a sua opulência foram

conquistados à força de audácia e com sobra de cubiça. Povo nenhum matou, destronizou ou explorou, como nós, sultões e rajás, ninguém, como os portugueses, levou à terra alheia tanta devastação e ruína; e até em gozo da mulherinha vária foi uma reinadio por esse mundo todo!

Mas as civilizações vieram sempre assim; nem a alma dos heróis tem a alvura da nossa fantasia, nem a justiça das acções é, na terra, absoluta.

Certo é que depois da descoberta e do domínio, o bretão e o holandês nos substituíram; fomos regressando a casa aos poucos; e ao saber o que nela havia e como estava, quantos não pensariam que a glória afinal não pagara realmente a pena! Enfim, antes um gosto na sua vida que boa soma na algibeira. E para a grandeza efémera do nosso poderio, justo é reconhecer no infante D. Henrique o iniciador desse período de regalo e mando, empresa épica a que votou todo o seu destino e o da sua pátria, enquanto o irmão D. Pedro, menos ardido e com melancolia, ia cismando num fim de tragédia, qualquer coisa de semelhante a Alcácer-Quibir, presságio, depois duma glória troante, duma glória tremenda.

## II (\*)

Da grande geração, só D. Pedro estava no pensamento que, aos primeiros monarcas, dominara: arrancada a terra ao mouro numa heroicidade ininterrompida de luta irada e bárbara, povoá-la e agricultá-la, era a solução do problema da consistência nacional. Ao passo que a conquista alargava a área do território lusitano, assim se iam fazendo doações de terra a laborar e do estrangeiro se chamava gente que aumentasse uma população escassa e exausta. Plantaram-se serras desnudadas, restabeleceu-se o regime transviado de correntes fluviais, fixaram-se areias e medões da costa, praticou-se a lavoura em terra quase virgem, pescava-se o coral e a baleia, então que este cetáceo frequentava ainda o nosso mar, as pequenas indústrias rurais esboçavam-se ou cresciam, o germe, enfim, se ia lançando para a mediania

---

(\*) Artigo publicado no jornal *O Primeiro de Janeiro*, do Porto, em 4 de Março de 1894 (p.1) (número especial comemorativo do 5.º centenário do nascimento do Infante D. Henrique).

dum povo autónomo, feliz e quase rico na simpleza plácida do seu labor, rijo na idolatria dum solo que ele duramente levou a sustentá-lo e a garantir-lhe o seu lugar no mundo.

Outros assim fizeram e prosseguiram; fortaleciam-se as nações pela elaboração do seu regime económico, numa preocupação exclusiva de fomento, sempre que os episódios da guerra não perturbavam intervaladamente, a lógica e meditada realização dum ideal político. Entretanto, com o desvairamento que é a glória que estamos a disfrutar, nesta penúria, há tanto tempo, nós iamos-lhes preparando a breve herança que legamos, já desbravada quando a receberam, bem fortes para a rendosa tutela que assumiram.

O pai, ao proporem-lhe os infantes a expedição a Ceuta, objectara que as despesas seriam enormes para um povo que, a implantar a dinastia, empobrecera e se esgotara; depois, no caso dum triunfo, como sustentar a posse com decoro? Mas Islão, impudentemente, afrontava, no seu país, a nossa ardente fé cristã e os rapazes queriam uma sorte de armas onde manifestassem a sua pujante seiva a estriar. O êxito da aventura, com que D. Henrique lucrara pelos informes colhidos sobre o interior da África e a sua costa, animou o grande infante a propôr o ataque e a conquista de Tânger.

Então surge D. Pedro o opor-se friamente, rijamente, apaixonadamente. Poucos os homens, de sempre, e dizimados pelas guerras, nem tínhamos gente, nem tão pouco dinheiro; tributar de novo, não era uma dureza, era injustiça; conquistada Tânger, uma grande dúvida, seria leviano pensar em conservá-la, seria um perigo destacar forças que aqui não abundavam. Toda a obra de consolidação, principiada, era nela que havia a pôr um ideal e um interesse. De resto, pelos delegados, os municípios exprimiam assim a reflectida e patriótica opinião dum povo inteiro.

Mas a empresa consumou-se com o doloroso desfecho que se sabe e acrecido ainda da lancinante expiação de D. Fernando, que D. Pedro, em vão, pretendia restituir à pátria, efectuando-se a troca da praça pelo infante, como o nosso glorioso príncipe estipulara; cumpriuse-se a letra do tratado: exigia-o a honra do rei e a honra do povo.

Não se cumpriu. Continuaram depois as travessias; aparelhavam-se as naus e as galés, recrutavam-se tripulantes, dispendia-se o dinheiro no empreendimento devorador e cego da descoberta e da conquista. Durante os doze anos que se seguiram ao descobrimento da Madeira as viagens cessaram; carecia-se de meios e na opinião do país, que D. Pedro lançara de alto, a nação não podia com aventuras. Tínhamos

cá muita terra para cultivar, havia grandes manchas despovoadas, faltava o numerário. Um insistia em alargar o domínio, dilatar a fé, plantar na Madeira, semear nos Açores e ficar com o quinto do produto; o outro, a vista na planície adusta e na serra calva, paúis e charnecas, avidez e ermos, solicitava a actividade dos braços e o interesse dos ânimos para a terra-mater. Não vinham a acordo, positivamente, os dois infantes.

Porém, a sorte estava com o glorioso D. Henrique. A empresa que iniciara deu connosco em África, deu connosco na Índia; sucediam-se os deslumbramentos à vista da riqueza inédita de outros mundos; multiplicava-se o arrojo; os que não podiam militar nas esquadras, eram corsários; ante a agrura da lavra lenta da terra, enlevava mais o papel temerário do pirata. Só a Índia tirava-nos por ano oito mil brancos; Lisboa, com os seus escravos, parecia uma cidade de negros.

Na Ásia, que foi a aspiração geral, tudo se corrompia em desbragamentos de dissipação e luxúria; e como aqui chegasse dia a dia o eco do prazer e da fortuna, findamos, não apenas despidos dos recursos mais urgentes: perdeu-se quase a arte da construção naval, nem sabíamos navegar mesmo!

É estranho, mas foi uma glória!

Com as suas leis de animação e protecção à marinha, D. Sebastião já veio tarde; a tradição perdeu-se, o empório desabava retumbante como principiara e engrandecera. Breve, de tanta grandeza, ficar-nos-ia a dívida pública, o refúgio da água-benta, a esperança no milagre, o solo inculto, o enfado da ocupação persistente e demoradamente compensadora, terras longínquas a desbravar para os outros lento a lento; saudade e resignação, despeito e melancolia, actividade vital perdida, espírito fatigado e estéril. Dos navegadores de outrora restavam contrabandistas e emigrantes; do heroísmo ancestral derivou, nos vindouros, a pusilanimidade astuta e pérfida de antropóides; a honra do compromisso e da palavra abastardou-se no estanho manhoso e consciente de insolváveis. D. Pedro, no seu ponto de vista estreito pressentira e quisera impedir o descabro; D. Henrique, de voos largos, levou-nos a ele. Ora quanto mais felizes — como é banal dizer isto! — são os povos que nunca tiveram heróis e não lhes suportaram, portanto, as ambições!

Fica-nos bem o luxo desta glória! Que partido, agora, se com festas se pagassem dívidas!